

Recensão: SCHULTZ LARSEN, T., & DELICA, K. N. (2024), *Fragmenting Cities: The State, Territorial Stigmatization and Urban Marginality*. Edward Elgar Publishing.

João Queirós

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto

Artigo recebido a 15/12/2025.

Aceite para publicação a 31/12/2025.

Para quem possa não conhecer o trabalho que há vários anos Troels Schultz Larsen e Kristian Nagel Delica vêm desenvolvendo a propósito das relações entre Estado, políticas públicas e processos de estigmatização territorial e marginalização social em contexto urbano, será certamente surpreendente descobrir que foi na Dinamarca, um dos mais consolidados e robustos Estados-Providência da Europa e do mundo, e um país conhecido pela sua defesa dos direitos humanos e a sua aposta na promoção dos valores da cidadania democrática, que se instituiu a primeira e até hoje única “lista de guetos” [*ghetto list*] sancionada oficialmente pelo Estado. Vigente desde outono de 2010, esta “lista de guetos” identifica e caracteriza os contextos habitacionais considerados pelas instâncias estatais como “problemáticos”, para consequentemente os instituir em áreas objeto de intervenção pública. Apesar do seu carácter manifestamente estigmatizante e discriminatório – exemplo aliás extremado da violência simbólica que o Estado é capaz de produzir e exercer sobre determinados territórios e determinados grupos sociais –, a “lista de guetos” não só viria a estabelecer-se como referente da visão pública sobre os “problemas sociais e urbanos”, como seria paulatinamente assimilada pelas estruturas dos campos político e burocrático dinamarqueses, determinando o perfil e o modo de concretização das respetivas práticas.

QUEIRÓS, João (2025),

“*Fragmenting Cities: The State, Territorial Stigmatization and Urban Marginality* (2024), T. Schultz Larsen & K.N. Delica. Edward Elgar Publishing.”,

Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LIII, pp. 185 - 190

DOI: <https://doi.org/10.21747/08723419/soc53r1>

A “lista de guetos” dinamarquesa é o ponto de partida para o estudo apresentado por Schultz Larsen e Delica em *Fragmenting Cities: The State, Territorial Stigmatization and Urban Marginality*. Publicado em 2024 pela casa editorial Edward Elgar, e discutido em Portugal em maio de 2025, numa conferência organizada pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto que contou com a presença dos autores – e que foi antecedida da dinamização de uma oficina sobre os desafios epistemológicos e metodológicos associados ao estudo da cidade contemporânea enquanto “cidade fragmentada” –, o livro é, sem dúvida, um marco nos estudos urbanos à escala europeia e mundial. Kristian Delica e Troels Schultz Larsen oferecem neste trabalho uma crítica densa e rigorosa da estruturação e implicações das políticas urbanísticas, habitacionais e sociais dinamarquesas, revelando como um dos Estados de Bem-Estar mais sólidos do mundo se tornou recentemente num laboratório de formas agressivas de estigmatização territorial e engenharia social.

Segundo os autores, o conteúdo deste livro pode prestar-se a quatro leituras distintas (Schultz Larsen & Delica, 2024, pp. 7-19): i) enquanto caso de estudo interdisciplinar acerca da “fragmentação social e urbana”; ii) enquanto proposta de integração de conceitos centrais no estudo das relações entre Estado, cidade e sociedade, com foco na clarificação do papel do Estado na definição, organização e institucionalização dos “problemas sociais e urbanos”; iii) enquanto diagnóstico social da “cidade fragmentada” pela “esquizofrenia das políticas” [*policy schizophrenia*] característica da governança urbana neoliberal; e iv) enquanto tomada de posição crítica acerca da realidade atual da ação estatal neste domínio e das relações que se estabelecem (ou que deveriam estabelecer-se) entre processos de produção e disseminação de conhecimento científico e determinação das políticas públicas.

A apresentação e discussão do conceito de “esquizofrenia das políticas”, a que os autores conferem especial centralidade, ocupa, não surpreendentemente, o primeiro capítulo do livro. Para Schultz Larsen e Delica, a sua mobilização justifica-se pela capacidade que a noção terá de conotar o caráter ambivalente, incoerente e até contraditório que hoje assumem as políticas públicas direcionadas para a intervenção em áreas urbanas “problemáticas”. A “esquizofrenia das políticas” traduz as intensas lutas que atravessam o Estado a propósito da

percepção, representação e classificação dos problemas sociais e urbanos e das modalidades da sua confrontação e resulta, por exemplo, no estabelecimento de contradições gritantes entre medidas e programas que promovem a “estigmatização territorial a partir de cima” (medidas como a que se refere à instituição da “lista de guetos”) e medidas e programas que se orientam para a “desestigmatização territorial a partir de baixo” (isto é, a partir da intervenção promovida nos contextos pelas instâncias que operam no rés-do-chão do Estado).

Mesmo que persistam dúvidas quanto ao carácter científico da noção – Schultz Larsen e Delica esforçam-se por conferir-lho, admitindo, todavia, a possibilidade de uma receção controversa (ver, a este propósito, o texto publicado pelos autores no presente número desta Revista) –, e mesmo que a sua mobilização se fique simplesmente (o que talvez seja mais adequado) pela respetiva consideração enquanto metáfora da ideologia e ação do Estado na cidade contemporânea, a referência à “esquizofrenia das políticas” é sonante precisamente porque expõe a atuação paradoxal das instâncias estatais, suscitando interrogações com grande potencial heurístico acerca do modo como o Estado se estrutura e organiza para produzir – e, depois, para resolver (ou não) – tais incongruências e suas implicações.

Para além de configurar um exercício muito completo de especificação empírica e analítica do fenómeno da estigmatização territorial, dialogando e enriquecendo o estado-da-arte neste âmbito (na senda do programa de pesquisa proposto Wacquant, Slater & Pereira, 2014), o livro apresenta como ponto forte o quadro teórico-concetual e analítico proposto no Capítulo 2. Nele, os autores avançam aquilo a que chamam um “modelo neobourdieusiano” (talvez pudesse dizer-se simplesmente “bourdieusiano”) do Estado enquanto conjunto de campos “embutidos” ou “encastrados” [*nested fields*] – campos que, precisamente pela sua sobreposição e encastramento, e pelas lógicas de estruturação e atuação diferenciadas e nunca plenamente alinhadas e articuláveis que apresentam, produzem as tensões e contradições na origem da “esquizofrenia” que as políticas públicas dinamarquesas hoje manifestam.

Suportada explicitamente na noção bourdieusiana de “campo” e na conceção de Estado proposta pelo sociólogo francês (ver Bourdieu, 2012, 2014), e apoiada pelos

desenvolvimentos conceituais e analíticos que Wacquant oferece à perspetiva bourdieusiana acerca das relações entre espaço social, espaço físico e espaço simbólico (ver a síntese avançada em Wacquant, 2022, 2023), a proposta de leitura de Schultz Larsen e Delica sublinha a natureza do Estado enquanto “campo de campos estratificado” no seio do qual se produzem e processam as “lutas pela visão e divisão legítimas do trabalho de dominação”, designadamente por via das “lutas pela definição das taxas de câmbio entre os diferentes capitais e pela determinação das posições dos diferentes campos (económico, académico, artístico, etc.) nas suas relações uns com os outros” (Shultz Larsen & Delica, 2024, p. 51). A mobilização da noção de campo e a adoção desta conceção do Estado permite aos autores de *Fragmenting Cities*, nas suas próprias palavras, “escapar à infrutífera separação weberiana entre Estado, mercado, sociedade (civil) e comunidade (espaço físico) como ‘esferas da vida’ separadas”, introduzindo um pensamento relacional que permite “questionar e determinar as relações e os graus de autonomia relativa entre estas diferentes ‘esferas e espaços’, ao invés de presumir que eles estão fundamentalmente separados, e fazendo-o sem assunções *a priori* sobre a natureza empírica destas relações” (Schultz Larsen & Delica, 2024, p. 52, *italicos no original*).

Ainda que ao modelo analítico proposto pareça por vezes faltar alguma parcimónia – os campos “encastrados” vão sendo multiplicados pelos autores, nem sempre de forma plenamente justificada (à análise do “encastramento” entre os campos “do poder”, “político” e “burocrático”, teorizados por Bourdieu, são adicionadas referências às relações instituídas entre aqueles e os campos “académico” e “jornalístico”, para depois se discutir a configuração e ação de um “campo das políticas do setor habitacional não-lucrativo” [*policy-field of not-for-profit housing*], por sua vez conformado e modulado por diferentes “campos de poder locais” [*fields of local power*]) –, a sua mobilização constitui uma instigante apropriação do pensamento bourdieusiano sobre o Estado e uma via para o questionamento crítico das perspetivas dominantes no seio da economia política urbana ou da chamada “geografia política crítica” (Schultz Larsen & Delica, 2024, pp. 53 e seguintes).

A proposta apresentada no Capítulo 2 é prolongada nas páginas subsequentes, que discutem a crise do Estado Social, a partir da referência ao caso dinamarquês, e detalhada nos Capítulos 4 e 5, no âmbito dos quais há lugar a uma exploração aprofundada da fragmentação hoje característica do dito “campo das políticas do setor habitacional não-lucrativo” e a uma explicação cuidadosa do processo de instituição e institucionalização da “lista de guetos” dinamarquesa, antes de dois exercícios de síntese dedicados à exploração das relações entre a “fragmentação da cidade” e a constituição de “sociedades paralelas” e ao modo como a “esquizofrenia das políticas” concorre para aquela fragmentação.

Sintonizado com a literatura que mais recentemente se tem debruçado sobre os temas centrais deste livro – literatura que lê e escrutina com critério e detalhe –, *Fragmenting Cities* constitui referência de leitura obrigatória para quem esteja a iniciar nesta altura, ou queira aprofundar, o estudo das relações entre Estado, estigmatização territorial e marginalidade urbana na cidade contemporânea. O convite que os autores fazem à mobilização criativa, noutros tempos e contextos, do seu modelo analítico deve sem dúvida ser considerada, pois dessa mobilização resultarão seguramente – e entre outros ganhos – pistas relevantes para a discussão de tópicos que Schultz Larsen e Delica tratam no livro de forma menos aprofundada – como os que se referem às relações sociais e à ação concreta que, em contextos urbanos estigmatizados e marginalizados, é dirigida às medidas e programas das “esquizofrénicas” políticas públicas (designadamente pelas alianças entre os setores dominados – e eventualmente refratários – dos campos político e burocrático e as populações e organizações locais); os que respeitam ao modo como as políticas de regulação e controlo das migrações se articulam com, e influenciam, a produção das políticas urbanas e sociais dirigidas àqueles contextos e aos seus residentes (grande parte deles com *background* migrante); ou os que se relacionam com os efeitos pessoais, familiares e comunitários dos processos de estigmatização territorial e, depois, dos processos de recomposição socioterritorial (demolição de habitações, desalojamento e dispersão de moradores, criação de novos bairros e sua gestão) que as políticas “esquizofrénicas” e “fragmentadoras” suscitam.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. (2012), *Sur l'État. Cours au Collège de France (1989-1992)*, Seuil.
- BOURDIEU, P. (2014), *On the State. Lectures at the College de France, 1989-1992*, Polity Press.
- SCHULTZ LARSEN, T., & DELICA, K. N. (2024). *Fragmenting Cities: The State, Territorial Stigmatization and Urban Marginality*, Edward Elgar Publishing.
- WACQUANT, L. (2022), *Bourdieu in the City: Challenging Urban Theory*, Wiley.
- WACQUANT, L. (2023), *Bourdieu na Cidade. Desafios à Teoria Urbana*, Outro Modo.
- WACQUANT, L.; SLATER, T.; & PEREIRA, V. B. (2014). "Territorial Stigmatization in Action", *Environment and Planning A: Economy and Space*, 46(6), pp. 1270-1280.
<https://doi.org/10.1068/a4606ge>

João Queirós.

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, Rua Dr. Roberto Frias, 402, 4200-455, Porto, Portugal. ORCID: 0000-0002-3500-5587
E-mail: jqueiros@ese.ipp.pt